

Obras do autor publicadas pela Companhia das Letras

2666

Amuleto

Chamadas telefônicas

Os detetives selvagens

Estrela distante

Monsieur Pain

Noturno do Chile

A pista de gelo

Putas assassinas

O Terceiro Reich

ROBERTO BOLAÑO

Chamadas telefônicas

Tradução


Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1997 by Roberto Bolaño. Todos os direitos reservados.

Este livro foi publicado com subsídio da Secretaria Geral de Livros, Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Cultura da Espanha.


Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Llamadas telefónicas

Capa
warrakloureiro

Imagem de capa
Rodrigo Andrade, *Estrada Noturna*, óleo sobre tela sobre mdf, 180 x 240 cm, 2010

Preparação
Sílvia Massimini Felix

Revisão
Marise Leal
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bolaño, Roberto
Chamadas telefónicas / Roberto Bolaño ; tradução Eduardo Brandão. — 1. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Llamadas telefónicas.
ISBN 978-85-359-2036-9

1. Contos chilenos I. Título.

11-14729

CDD-861

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura chilena 861

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para Carolina López

Uma aventura literária

B escreve um livro no qual debocha, sob máscaras diversas, de certos escritores, se bem que o mais justo seria dizer de certos arquétipos de escritores. Numa das narrativas aborda a figura de A, um autor da sua idade mas que ao contrário dele é famoso, tem dinheiro, é lido, as maiores ambições (nessa ordem) a que pode aspirar o homem de letras. B não é famoso nem tem dinheiro e seus poemas são impressos em revistas minoritárias. Mas entre A e B nem tudo são diferenças. Os dois provêm de famílias da pequena burguesia ou de um proletariado mais ou menos acomodado. Ambos são de esquerda, compartilham uma curiosidade intelectual parecida, as mesmas carências educativas. A meteórica carreira de A, no entanto, deu a seus escritos um ar de puritanismo que B, leitor ávido, acha insuportável. A, a princípio nos jornais porém cada vez mais frequentemente nas páginas de seus novos livros, pontifica sobre todo o existente, humano ou divino, com a sensaboria acadêmica, com a disposição de quem se serviu da literatura para alcançar uma posição social, uma respeitabilidade, e da sua torre de novo-rico dispara em tudo aquilo

que pudesse vir a empanar o espelho em que agora se contempla, em que agora contempla o mundo. Para B, em resumo, A se transformou num santarrão.

B, dizíamos, escreve um livro e num dos capítulos debocha de A. O deboche não é cruento (sobretudo levando em conta que se trata de um só capítulo de um livro mais ou menos extenso). Cria um personagem, Álvaro Medina Mena, escritor de sucesso, e o faz exprimir as mesmas opiniões de A. Mudam os cenários: onde A deblatera contra a pornografia, Medina Mena o faz contra a violência, onde A argumenta contra o mercantilismo na arte contemporânea, Medina Mena se enche de razões para esgrimir contra a pornografia. A história de Medina Mena não se destaca entre o resto das histórias, a maioria delas melhores (se não mais bem escritas, mais bem organizadas). O livro de B é publicado — é a primeira vez que B publica numa editora grande — e começa a receber críticas. A princípio, seu livro passa despercebido. Depois, num dos principais jornais do país, A publica uma resenha absolutamente elogiosa, entusiasta, que arrasta os demais críticos e transforma o livro de B num discreto sucesso de vendas. B, claro, sente-se incomodado. Pelo menos é isso que sente de início, depois, como costuma acontecer, acha natural (ou pelo menos lógico) que A elogie seu livro; este, sem dúvida, é notável em mais de um aspecto e A, sem dúvida, no fundo não é um mau crítico.

Mas ao cabo de dois meses, numa entrevista que sai em outro jornal (não tão importante quanto aquele em que publicou sua resenha), A menciona mais uma vez o livro de B, de forma por demais elogiosa, taxando-o de altamente recomendável: “Um espelho que não se empana”. No tom de A, porém, B crê descobrir algo, uma mensagem nas entrelinhas, como se o escritor famoso lhe dissesse: não creia que me enganou, sei que você me retratou, sei que debochou de mim. Elogia meu livro,

pensa B, para depois cair matando. Ou então elogia meu livro para que ninguém o identifique com o personagem de Medina Mena. Ou então não se deu conta de nada e nosso encontro escritor-leitor foi um encontro feliz. Todas as possibilidades parecem nefastas. B não acredita nos encontros felizes (isto é, inocentes; isto é, simples) e começa a fazer todo o possível para conhecer pessoalmente A. Em seu foro interior sabe que A se viu retratado no personagem de Medina Mena. Pelo menos tem a razoável convicção de que A leu todo o seu livro e que o leu tal como ele gostaria que lessem. Mas então por que se referiu a ele dessa maneira? Por que elogiar algo em que se debocha — e agora B acredita que o deboche, além de desmedido, talvez tenha sido um pouco injustificado — de você? Não acha explicação. A única plausível é que A não tenha se dado conta da sátira, probabilidade nada desprezível dado que A é cada vez mais imbecil (B lê todos os seus artigos, todos os que saíram depois da resenha elogiosa e há manhãs em que, se pudesse, quebraria aos murros sua cara, a cara de A cada vez mais pacata, mais imbuída pela santa verdade e pela santa impaciência, como se A se acreditasse a reencarnação de Unamuno ou algo do gênero).

Assim sendo, faz todo o possível para conhecê-lo, mas não tem sucesso. Moram em cidades diferentes. A viaja muito e nem sempre é certo encontrá-lo em casa. Seu telefone quase sempre dá ocupado ou a secretária eletrônica é que atende, e quando isso acontece B desliga no ato, pois tem pavor de secretária eletrônica.

Ao cabo de algum tempo B decide que nunca entrará em contato com A. Tenta esquecer o caso, quase consegue. Escreve um novo livro. Quando este sai, A é o primeiro a resenhá-lo. Sua velocidade é tão grande que desafia qualquer disciplina de leitura, pensa B. O livro foi enviado aos críticos numa quinta-feira, e no sábado aparece a resenha de A, pelo menos cinco folhas, na qual demonstra, além do mais, que sua leitura é profunda e ra-

zoável, uma leitura lúcida, esclarecedora inclusive para o próprio B, que observa aspectos de seu livro que antes lhe haviam passado despercebidos. A princípio B se sente grato, lisonjeado. Depois se sente aterrorizado. Compreende, de repente, que é impossível que A tenha lido o livro entre o dia em que a editora o enviou aos críticos e o dia em que o jornal publicou sua resenha: um livro enviado na quinta, tal como funciona o correio na Espanha, no melhor dos casos chegaria na segunda da semana seguinte. A primeira possibilidade que ocorre a B é que A tenha escrito a resenha sem ter lido o livro, mas rapidamente rejeita essa ideia. A, é inegável, havia obtido o livro diretamente da editora. B telefona para a editora, fala com a encarregada de vendas, pergunta como é possível que A já houvesse lido seu livro. A encarregada não tem a menor ideia (apesar de ter lido a resenha e estar contente) e promete averiguar. B, quase de joelhos, se é que alguém pode se pôr de joelhos telefonicamente, suplica que ela ligue de volta naquela mesma noite. O resto do dia, como não podia deixar de ser, ele passa imaginando histórias, cada uma mais disparatada que a outra. Às nove da noite, telefona da sua casa para a encarregada de vendas. Não há nenhum mistério, claro, A esteve na editora dias antes e saiu levando um exemplar do livro de B com tempo suficiente para lê-lo com calma e escrever a resenha. A notícia devolve a serenidade a B. Tenta preparar o jantar mas não tem nada na geladeira e resolve sair para comer fora. Leva o jornal em que está a resenha. A princípio caminha sem rumo por ruas desertas, depois encontra aberto um restaurantezinho onde nunca havia estado antes e entra. Todas as mesas estão desocupadas. B senta junto da janela, num canto afastado da lareira que aquece fracamente a sala. Uma moça pergunta o que ele quer. B diz que quer comer. A moça é muito bonita e tem cabelos compridos e desgrenhados, como se acabasse de se levantar. B pede uma sopa e depois um prato de ver-

duras com carne. Enquanto espera, lê novamente a resenha. Tenho que ver A, pensa: Tenho que dizer a ele que estou arrependido, que não quis brincar disto, pensa. A resenha, no entanto, é inofensiva: não diz nada que mais tarde não vão dizer outros resenhistas, no máximo está mais bem escrita (A sabe escrever, pensa B com desânimo, talvez com resignação). A comida tem gosto de terra, de matérias putrefatas, de sangue. O frio do restaurante penetra nele até os ossos. Naquela noite fica ruim do estômago e na manhã seguinte se arrasta como pode até o posto de saúde. A doutora que o atende receita antibióticos e uma dieta suave durante uma semana. Deitado, sem vontade de sair de casa, B decide ligar para um amigo e contar toda a história. De início hesita para quem ligar. E se ligar para A e contar a ele?, pensa. Mas não, A, no melhor dos casos, atribuiria tudo a uma coincidência e ato contínuo se dedicaria a ler sob outra luz os textos de B para posteriormente tratar de demoli-lo. No pior, se faria de desentendido. Por fim, B não liga para ninguém e logo um medo de outra natureza cresce dentro de si: o de que alguém, um leitor anônimo, *tenha se dado conta* de que Álvaro Medina Mena é uma imitação de A. A situação, tal como está, lhe parece horrenda. Com mais de duas pessoas no segredo, matuta, pode se tornar insuportável. Mas quem são os leitores potenciais capazes de perceber a identidade de Álvaro Medina Mena? Em teoria, os três mil e quinhentos da primeira edição de seu livro, na prática só uns poucos, os leitores devotos de A, os apaixonados por palavras cruzadas, os que, como ele, estavam fartos de tanta lição de moral e catequese de fim de milênio. Mas o que B pode fazer para que ninguém mais se dê conta? Não sabe. Considera várias possibilidades, desde escrever uma resenha em grau extremamente elogioso do próximo livro de A até escrever *um pequeno livro* sobre toda a obra de A (inclusive seus malfadados artigos de jornal); desde telefonar para ele e pôr as

cartas na mesa (mas que cartas?) até visitá-lo uma noite, encurralá-lo no saguão do seu apartamento, obrigá-lo pela força a confessar qual é seu propósito, o que pretende ao se grudar como carrapato em sua obra, que reparações são essas que de maneira implícita está cobrando com tal atitude.

Finalmente B não faz nada.

Seu novo livro obtém boas críticas, mas escasso êxito de público. Ninguém acha estranho que A aposte nele. De fato, A, quando não mergulha em cheio no papel de Catão das letras (e da política) espanholas, é bastante generoso com os novos escritores que entram na arena. Ao fim de algum tempo, B esquece todo o assunto. Possivelmente, consola-se, produto da sua imaginação sobrecarregada pela publicação de dois livros em editoras de prestígio, produto de seus medos desconhecidos, produto de seu sistema nervoso desgastado por tantos anos de trabalho e de anonimato. De modo que esquece tudo e algum tempo depois, de fato, o incidente é tão só uma anedota um tanto desmedida no interior da sua memória. Um dia, porém, convidam-no a um colóquio sobre nova literatura que se realizaria em Madri.

B comparece encantado. Está a ponto de terminar outro livro e o colóquio, pensa, servirá como plataforma para seu futuro lançamento. A viagem e o hotel, claro, são pagos e B quer aproveitar os poucos dias de estada na capital para visitar museus e descansar. O colóquio dura dois dias e B participa da jornada inaugural e assiste como espectador à última. Quando esta acaba, os literatos, em massa, são conduzidos à casa da condessa de Bahamontes, amante das letras e mecenas de múltiplos eventos culturais, dentre os quais se destacam uma revista de poesia, talvez a melhor das que são publicadas na capital, e uma bolsa para escritores que tem seu nome. B, que não conhece ninguém em Madri, está no grupo que vai encerrar a noitada na casa da condessa. A festa, precedida por uma ceia leve mas deliciosa e

bem regada com vinhos de colheita própria, se estende até altas horas da madrugada. No início, os participantes não são mais de quinze, mas com o passar das horas vai se somando à recepção uma variada galeria de artistas na qual não faltam escritores mas onde é possível encontrar, também, cineastas, atores, pintores, apresentadores de televisão, toureiros.

Em determinado momento, B tem o privilégio de ser apresentado à condessa e a honra de que esta o chame à parte, a um canto do terraço do qual se domina o jardim. Lá embaixo o espera um amigo, diz a condessa com um sorriso, assinalando com o queixo um caramanchão de madeira rodeado de plátanos, palmeiras, pinhos. B a fita sem entender. A condessa, pensa, em alguma época remota da vida deve ter sido bonita, mas agora é um amontoado de carne e cartilagens movediças. B não se atreve a perguntar pela identidade do "amigo". Assente, garante que descerá de imediato, mas não se mexe. A condessa tampouco se mexe e por um instante ambos permanecem em silêncio, encarando-se, como se tivessem se conhecido (e amado ou odiado) em outra vida. Mas logo a condessa é reclamada por seus outros convidados e B fica só, olhando temeroso para o jardim e o caramanchão onde, ao fim de um instante, distingue uma pessoa ou o movimento fugaz de uma sombra. Deve ser A, pensa, e logo em seguida, conclusão lógica: deve estar armado.

A princípio B pensa em fugir. Não demora a compreender que a única saída que conhece passa perto do caramanchão, de modo que a melhor maneira de fugir seria permanecer em algum dos inúmeros cômodos da casa e esperar que amanheça. Mas talvez não seja A, pensa B, talvez se trate do diretor de uma revista, de um editor, de algum escritor ou escritora que deseje me conhecer. Quase sem se dar conta, B deixa o terraço, consegue uma bebida, começa a descer a escada e sai ao jardim. Ali acende um cigarro e se aproxima sem pressa do caramanchão.

Ao chegar não encontra ninguém, mas tem a certeza de que alguém esteve ali e decide esperar. Uma hora depois, aborrecido e cansado, volta para a casa. Pergunta, aos escassos convidados que perambulavam como sonâmbulos ou como atores de uma peça de teatro excessivamente lenta, pela condessa e ninguém sabe lhe dar uma resposta coerente. Um garçom (que tanto pode estar a serviço da condessa como ter sido convidado por ela para a festa) lhe diz que a dona da casa certamente se retirou para seus aposentos, como de costume, a idade, o senhor sabe. B assente e pensa que, de fato, a idade já não permite muitos excessos. Depois se despede do garçom, apertam-se as mãos e volta a pé para o hotel. No trajeto investe mais de duas horas.

No dia seguinte, em vez de pegar o avião de volta para sua cidade, B dedica a manhã a se mudar para um hotel mais barato onde se instala como se planejasse ficar morando muito tempo na capital e depois passa toda a tarde telefonando para a casa de A. Nos primeiros telefonemas só ouve a secretária eletrônica. É a voz de A e de uma mulher que dizem, um depois do outro e num tom festivo, que voltarão daqui a um instante, que deixem o recado e que se for algo importante deixem também um telefone para o qual possam ligar. Ao cabo de várias chamadas (sem deixar recado) B formou algumas ideias a respeito de A e de sua companheira, da entidade desconhecida que ambos compõem. Primeiro, a voz da mulher. É uma mulher jovem, muito mais moça que ele e que A, provavelmente enérgica, disposta a ocupar um lugar na vida de A e a fazer respeitar seu lugar. Pobre idiota, pensa B. Depois, a voz de A. Um arquétipo de serenidade, a voz de Catão. Esse sujeito, pensa B, tem um ano a menos que eu mas parece quinze ou vinte mais velho. Finalmente, a gravação: por que o tom de alegria? Por que pensam que, se for algo importante, a pessoa que liga vai parar de ligar e se contentar com deixar o telefone? Por que falam como se interpretassem

uma peça de teatro, para deixar claro que moram ali duas pessoas ou para explicitar a felicidade que os inunda como casal? Claro, nenhuma das perguntas que B se faz obtém resposta. Mas continua ligando, uma vez a cada meia hora, aproximadamente, e às dez da noite, da cabine de um restaurante barato, atende uma voz de mulher. A princípio, surpreso, B não sabe o que dizer. Quem é, pergunta a mulher. Repete a pergunta várias vezes, depois guarda silêncio, mas sem desligar, como se desse a B a oportunidade de se decidir a falar. Depois, num gesto que se adivinha lento e reflexivo, a mulher desliga. Meia hora mais tarde, de um telefone da rua, B volta a ligar. Novamente é a mulher que atende, ela que pergunta, ela que espera uma resposta. Quero ver A, diz B. Deveria ter dito: quero *falar* com A. Pelo menos a mulher entende assim e lhe chama a atenção para isso. B não responde, pede desculpas, insiste em que quer *ver* A. Da parte de quem, pergunta a mulher. É B, diz B. A mulher hesita uns segundos, como se pensasse quem é B, ao fim dos quais diz está bem, espere um momento. Seu tom de voz não mudou, pensa B, não deixa transparecer nenhum temor, nenhuma ameaça. Pelo telefone, que a mulher certamente deixou em cima de uma mesa ou poltrona ou pendurado na parede da cozinha, ouve vozes. As vozes, evidentemente ininteligíveis, são de um homem e de uma mulher, A e sua jovem companheira, pensa B, mas logo se une a essas vozes a de uma terceira pessoa, um homem, alguém com uma voz muito mais grave. Num primeiro momento parece que conversam, que A é incapaz de interromper nem que por um só instante uma conversa interessantíssima. Depois B acredita que estão discutindo, isso sim. Ou que demoram a se pôr de acordo sobre algo de extrema importância antes de A atender de uma vez por todas o telefone. E na espera ou na incerteza alguém grita, talvez A. Depois se faz um silêncio repentino, como se uma mulher invisível tapasse com cera os

ouvidos de B. E depois (depois de várias moedas de cinco pesetas) alguém desliga silenciosamente, piedosamente, o telefone.

Naquela noite B não consegue dormir. Recrimina-se por tudo o que fez. Primeiro pensou em insistir mas decidiu, levado por uma superstição, mudar de cabine. Os dois telefones próximos que encontrou estavam danificados (a capital era uma cidade malcuída, suja inclusive) e quando por fim encontrou um em condições, ao enfiar as moedas se deu conta de que suas mãos tremiam como se houvesse sofrido um ataque. A visão das mãos o desconsolou tanto que esteve a ponto de chorar. Razoavelmente, pensou que o melhor era acumular forças e que para tanto nada melhor do que um bar. Saiu andando portanto e passado um instante, depois de ter descartado vários bares por motivos diversos e algumas vezes contraditórios, entrou num estabelecimento pequeno e iluminado em excesso onde se aglomeravam mais de trinta pessoas. O ambiente do bar, como não demorou a notar, era de uma camaradagem indiscriminada e barulhenta. De repente se viu conversando com pessoas que não conhecia e que normalmente (em sua cidade, em sua vida cotidiana) teria mantido à distância. Comemoravam uma despedida de solteiro ou a vitória de um dos times locais. Voltou para o hotel de madrugada, sentindo-se vagamente envergonhado.

No dia seguinte, em vez de procurar um lugar onde pudesse almoçar (descobriu sem surpresa que era incapaz de pôr algo na boca), B se instala na primeira cabine que encontra, numa rua bastante barulhenta, e telefona para A. Mais uma vez, a mulher atende. Ao contrário do que B esperava, é reconhecido imediatamente. A não está, diz a mulher, mas quer ver você. E depois de um silêncio: sentimos muito o que aconteceu ontem. O que aconteceu ontem?, pergunta B sinceramente. Ficamos esperando e depois desligamos. Quer dizer, desliguei eu. A queria falar com você, mas me pareceu que não era oportuno. Por que

não era oportuno?, pergunta B, já perdido qualquer indício de discrição. Por várias razões, diz a mulher... A não está muito bem de saúde... Quando fala no telefone se excita demais... Estava trabalhando e não convém interrompê-lo... B já não acha a voz da mulher tão juvenil. Certamente está mentindo; nem se dá ao trabalho de procurar mentiras convincentes, além do mais não menciona o homem de voz grave. Apesar de tudo, B acha a mulher encantadora. Mente como uma menina mimada e sabe de antemão que perdoarei suas mentiras. Por outro lado, sua maneira de proteger A de alguma forma é como se realçasse sua própria beleza. Quanto tempo vai ficar na cidade?, pergunta a mulher. Só até ver A, depois vou embora, diz B. Sei, sei, diz a mulher (B fica todo arrepiado), e reflete em silêncio por um instante. B emprega esses segundos ou esses minutos para imaginar seu rosto. O resultado, embora vacilante, é perturbador. O melhor será que venha esta noite, diz a mulher, tem o endereço? Sim, diz B. Muito bem, esperamos você para jantar às oito. Está bem, diz B com um fio de voz e desliga.

B passa o resto do dia andando de um lado para o outro, como um vagabundo ou como um doente mental. Claro, não visita um só museu, mas entra numas livrarias onde compra o último livro de A. Instala-se num parque e lê. O livro é fascinante, embora cada página ressuma tristeza. Que bom escritor é A, pensa B. Considera sua própria obra, maculada pela sátira e pela raiva, e a compara desfavoravelmente com a obra de A. Depois adormece ao sol e quando acorda o parque está cheio de mendigos e drogados que à primeira vista dão a impressão de movimento, mas que na realidade não se mexem, embora também não se possa afirmar com propriedade que estão imóveis.

B volta ao hotel, toma banho, faz a barba, põe a roupa que usou no primeiro dia de estada na cidade e que é a mais limpa que tem, depois torna a sair à rua. A mora no centro, num velho

edifício de cinco andares. Chama pelo porteiro automático, e uma voz de mulher pergunta quem é. É B, diz B. Entre, diz a mulher, e o zumbido da porta que se abre dura até B chegar ao elevador. E mesmo enquanto o elevador sobe até o andar de A, B acredita ouvir o zumbido, como se arrastasse atrás de si um comprido rabo de lagartixa ou de cobra.

No hall do andar, na porta aberta, A o espera. É alto, pálido, um pouco mais gordo que nas fotos. Sorri com uma ponta de timidez. B sente por um momento que toda a força que lhe serviu para chegar à casa de A se evapora num segundo. Recupera-se, tenta um sorriso, estende a mão. Acima de tudo, pensa, evitar cenas violentas, acima de tudo evitar o melodrama. Até que enfim, diz A, como vai. Muito bem, diz B.